

► **Informações Básicas**

Texto do Discurso

O SR. THIAGO PAMPOLHA – Boa tarde a todos, o que me traz à tribuna hoje é para falar da visita que, pela Comissão de Defesa do Meio Ambiente, nós fizemos na Baía de Sepetiba, hoje, e pudemos acompanhar *in loco* a vida marinha daquela região, sobretudo a presença dos botos-cinza, os golfinhos que na mídia recente tem sido dito sobre o risco iminente de extinção dessa espécie, o que preocupa a todos nós. Então, através dessa Comissão fomos olhar a dinâmica desses golfinhos, saber qual é a realidade que eles estão vivendo lá e como nós podemos contribuir para reverter isso e ajudar a salvar essa espécie, uma simbologia cultural inequívoca, configura um item da nossa bandeira, então, merece o nosso respeito independente de qualquer coisa, um respeito cultural e também a questão ambiental ecológica que nós precisamos alertar.

Nesta semana, na terça-feira, eu vim à tribuna falar sobre isso e hoje, depois de fazer visita, venho com mais informações. Nós pudemos olhar de perto não só a dinâmica dos botos-cinza, mas também a presença maciça dos grandes empreendimentos naquela região que é um total de nove, dez grandes empreendimentos, os consideráveis potenciais predadores da vida marinha que foram licenciados há tempos sem os devidos cuidados com o nosso ecossistema, sem pensar na vida daqueles pescadores que dependem da pesca artesanal para sustento próprio de suas famílias.

E hoje temos lá a CSA, temos a Vale com duas frentes de trabalho, temos a herança maldita deixada pela Ingá Mercantil, temos Docas, temos estaleiros, temos o Porto de Itaguaí, e outras empresas importantes naquela região.

Não obstante tanto recurso, tanto dinheiro, tanta ganância, tanto investimento naquela região, temos um outro tipo de ganância que colabora para destruição das espécies em massa daquela região, que é a pesca predatória. Depois que a Globo noticiou, que a Band noticiou, que os jornais e as rádios noticiaram, os organismo de controle ambiental, a Guarda Costeira, a Marinha, o Exército, a Polícia Federal, todo mundo apareceu para fiscalizar a pesca predatória. Só que essa pesca predatória, que hoje está sendo fiscalizada, acontece diariamente há muitos de anos. Sobre essa pesca predatória, hoje em dia associada a investimento tecnológico pesado, podemos falar que é uma tecnologia destrutiva, porque eles vêm com aquelas traineiras, aquelas embarcações gigantescas, com sondas sofisticadíssimas, com aparelhos e equipamentos muito bem elaborados, tecnológicos, e conseguem fazer a

leitura de toda vida marinha, antever a situação dos peixes que vêm, quais são as espécies que circulam na região, conseguem fazer uma abordagem num raio de 12 quilômetros. Então, imaginem, uma embarcação dessa fazer um cerco num raio de 12 quilômetros, impedindo com que as corvinas e outras espécies cheguem naquela região.

Essa pesca predatória vitimiza vidas, famílias. E também não podemos deixar de falar que pescam também o alimento que os golfinhos precisam, que são as sardinhas, as lulas, os camarões, entre outras espécies.

Se não tomarmos uma atitude agora – isto foi dito por especialistas –, em menos de dez anos teremos extintos os nossos botos-cinza, cuja maior concentração do mundo é na baía de Sepetiba, um dos poucos lugares no Brasil em que ainda existem golfinhos, ou seja, eles vão acabar. Não estou falando com esse alarme todo por que o golfinho é um bicho amável, bonitinho... Falo isso porque ele é de extrema importância para o equilíbrio da vida marinha, porque tem importância cultural, já citada, porque existem pessoas que trabalham dia e noite para salvar essa espécie, para fazer com que vivam melhor, porque o ecossistema como um todo precisa dessa espécie. Então, não podemos nos furtar a discutir amplamente esse tema.

Eu, junto com os colegas da Comissão de Defesa do Meio Ambiente, vou propor uma audiência pública para que possamos trazer, aqui, o INEA, o Ibama, a Secretaria Nacional de Pesca, o Instituto Boto-cinza, os pescadores locais, as empresas envolvidas diretamente naquela região, os pescadores que se utilizam, de forma legal – e precisamos deixar isso bem claro –, das redes para pescar. Esses pescadores precisam ampliar, cada vez mais, suas áreas de pesca, porque cada vez vem menos peixe. Assim, é natural que uma rede de pesca que antigamente era de 5 metros, hoje é de 12 metros, 15 metros, chegando a 20 metros, porque ele precisa viver, precisa vender o peixe dele para colocar arroz e feijão dentro de casa. E é isso que temos que discutir aqui, e não simplesmente a vida do golfinho, a vida da sardinha, a vida dos animais daquele ecossistema, mas das famílias que dependem da pesca e a levam como estilo de vida.

É muito importante essa discussão.

Na audiência pública, espero a presença do atuante e abnegado Secretário de Meio Ambiente André Corrêa para que possamos levar a ele informações importantes e sugestões. A primeira sugestão que levarei, como primeira colaboração desta Casa, é que passemos a exigir das empresas não só o monitoramento dos botos, mas também uma espécie de ajuda maior. E como poderemos fazer isso? Com uma espécie de defeso, uma contrapartida para compensação a essas famílias que dependem da pesca.

Nesse momento em que o pescador deixa de lançar suas redes, um momento delicado que o ecossistema vive, os golfinhos vão poder circular de forma mais harmoniosa e tranquila. Não vão ficar presos entre a ganância das empresas, do capital, e a necessidade dos pescadores. Eles vão ter uma área para poderem nadar. Agora, com aquelas redes, é impossível. Então, que as empresas subsidiem, custeiem, a família desses pescadores com uma espécie de bolsa por, pelo menos, um determinado período para que seja garantida a sobrevivência dos botos. E, concomitantemente, por meio da Secretaria Nacional da Pesca e do Inea, investir em pesquisa.

Hoje, estamos aqui falando em acabar, na prática, com o Fecam. E assim, o pouquinho de chance que nós temos de investir para que isso não seja uma ação permanente está indo para o ralo. Estamos falando em desvincular menos 1% da Faperj, que pode instrumentalizar a Uerj na ajuda ao Instituto Boto-Cinza na área de pesquisa. Nós também vamos cortar!

Então, o Estado tem que rever essa lógica. Não é simplesmente acabar com o Fecam, acabar com a Faperj, acabar com isso e acabar com aquilo. Vamos pensar o que é prioridade. Se o meio ambiente não é prioridade, se pesquisa não é prioridade, o que é prioridade, gente? Saúde também não é prioridade? O que vai ser?

Precisamos rever essa lógica do Governo. Precisamos apelar para a sensibilidade do nosso Secretário de Meio Ambiente, para que possamos com sua ajuda e da Dra. Marilene Ramos, do Ibama, reverter esse quadro. Isso é de fundamental importância. Eu conto com a colaboração de todos. Hoje, no chat de Deputados eu pedi essa ajuda e aqui reforço.

Concedo um aparte ao Deputado Dr. Sadinoel.

O DR. SADINOEL – Quero, desde já, parabenizá-lo, nobre Deputado Thiago Pampolha. Coloco a Comissão de Turismo desta Casa à disposição. Podemos nesse período de defeso explorar o turismo ecológico da região. O boto-cinza tem tamanha importância não só para o Rio de Janeiro, mas também para o Brasil e para o mundo.

Cumprimento-o pela iniciativa. Podemos tentar buscar legislações do Brasil ou do exterior que tratem de proteção maior a uma espécie tão ameaçada como é o boto-cinza, hoje.

Parabéns, Deputado, por sua iniciativa.

O SR. THIAGO PAMPOLHA – Obrigado, Deputado.

O boto-cinza tem uma peculiaridade. Ele nasce e morre num lugar. Ele não tem a característica migratória que o ser humano e outras espécies têm. Isso dificulta o seu deslocamento para fugir das redes, fugir dos empreendimentos ou para buscar alimentos em outro local. Ele fica restrito àquela região.

Para piorar a situação, a gestação das fêmeas leva em torno de 12 meses e o intervalo de uma gestação a outra é de aproximadamente três anos. Ou seja, é iminente o risco de extinção da espécie.

É muito importante darmos atenção a isso. A partir do momento em que a mídia veiculou esse assunto na imprensa, todo mundo se mobilizou. Contamos com a ajuda do Instituto Boto-Cinza, na figura do coordenador científico Leonardo; da Procuradora da República, Dra. Monique, que esteve na visita junto comigo e que já acionou e é responsável hoje, no Ministério Público, por todas as espécies em extinção no Brasil e está nos ajudando muito na parte judicial para que possamos avançar.

São estas as minhas palavras. Muito obrigado.

A SRA. PRESIDENTE (Tia Ju) – A Presidência saúda o 12º Comando do Corpo de Bombeiros, que hoje ocupa a nossa tribuna de honra, com o Comandante Robson. Sejam bem-vindos. Esta Casa sempre os receberá com muita alegria e prazer.

Fonte:

<http://alerjln1.alerj.rj.gov.br/taqalerj.nsf/8b99ca38e07826db032565300046fdf1/ae891525fb099bd583257f64006f06e1?OpenDocument&Highlight=0,pesca>